



Acta Scientiarum. Education

ISSN: 2178-5198

ISSN: 2178-5201

Editora da Universidade Estadual de Maringá - EDUEM

Orlando, Evelyn de Almeida

Biografia e Cinema na História da Educação: aspectos da profissão docente no filme 'São João Batista de La Salle: padroeiro dos professores'

Acta Scientiarum. Education, vol. 40, núm. 4, e41993, 2018

Editora da Universidade Estadual de Maringá - EDUEM

DOI: <https://doi.org/10.4025/actascieduc.v40i4.41993>

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=303357859009>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais informações do artigo
- Site da revista em redalyc.org

redalyc.org
UAEM

Sistema de Informação Científica Redalyc

Rede de Revistas Científicas da América Latina e do Caribe, Espanha e Portugal

Sem fins lucrativos acadêmica projeto, desenvolvido no âmbito da iniciativa
acesso aberto



Biografia e Cinema na História da Educação: aspectos da profissão docente no filme ‘São João Batista de La Salle: padroeiro dos professores’

Evelyn de Almeida Orlando

Programa de Pós-graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Rua Imaculada Conceição, 1155, 81611-970, Curitiba, Paraná, Brasil. E-mail: evelynorlando@gmail.com

RESUMO. Este artigo aborda, a partir do filme *São João Batista de La Salle: padroeiro dos professores*, os caminhos da profissão docente no século XVII, destacando a presença da Igreja nesse cenário e o método simultâneo utilizado pela congregação dos Irmãos das Escolas Cristãs. Temos como objetivo pensar o filme como fonte e objeto para a História da Educação, considerando suas potencialidades educativas e os usos que foram feitos desse tipo de mídia por diferentes grupos e atores sociais. Como o filme aqui abordado trata-se de uma biografia, este conceito, assim como o de representação, tornaram-se basilares no trabalho para pensar, a partir da vida de um sujeito, questões, processos, articulação, redes, tensões e disputas que estavam em jogo no cenário educacional francês no século XVII. A discussão põe em evidência a relação entre religião, mídia e educação que ganhou acento a partir da Modernidade, com suportes como o livro, revista, jornais, rádio, cinema, tv e, hoje, a internet. A produção da obra é, portanto, indicativa da posição que a Igreja estabeleceu e vem estabelecendo com o cinema, não apenas sendo refratária, mas utilizando-o pedagogicamente pelo seu potencial formativo de largo alcance.

Palavras-chave: igreja católica; educação; mídia.

Biography and cinema in History of Education: aspects of the teaching profession in the movie movie ‘Saint John Baptist de La Salle: patron saint of teachers’

ABSTRACT. This article discusses, based on the movie mentioned, paths of the teaching profession in the 17th century, highlighting the presence of the Catholic Church in this scenario and the simultaneous method used by The Brothers of the Christian Schools congregation. We seek to think the film as a source and object for the History of Education, considering its educational potential and the uses that have been made of this type of media by different groups and social actors. As the film is a biography, this concept as well as that of representation became the basis for thinking, from the life of a subject, about issues, processes, articulation, networks, tensions and disputes at stake in the French educational scenario in the 17th century. This discussion emphasizes the relationship between religion, media and education, which became pronounced in Modernity, with media such as books, magazines, newspapers, radio, cinema, television and, today, the Internet. This movie production is therefore indicative of the position the Church has established and is still assuming with the cinema, not only being resistant, but using it pedagogically for its far-reaching potential in people formation.

Keywords: catholic church; education; media.

Biografía y Cine en la Historia de la Educación: una lectura de la película ‘São João Batista de La Salle: padroeiro dos profesores’

RESUMEN. Este artículo presenta un abordaje, desde la película *João Batista de La Salle: padroeiro dos professores*, de los caminos de la profesión docente en el siglo XVII, destacando la presencia de la Iglesia en ese escenario y el método simultáneo que empezó con la congregación de los Hermanos de las Escuelas Cristianas. El objetivo es pensar la película como fuente y objeto para la Historia de la Educación, teniendo en cuenta sus potencialidades educativas y los usos de ese tipo de prensa por distintos grupos y actores sociales. La película que vamos a abordar es una biografía y, por eso, tanto este concepto como el de la representación se hacen fundamentales para plantear, desde la vida de un sujeto, cuestiones, procesos, articulación, redes, tensiones y disputas que se involucraron en el escenario educacional francés del siglo XVII. La discusión enfatiza la relación entre la religión, los medios de comunicación y la educación, que se

acentuó desde la Modernidad por medio de soportes como el libro, la revista, los periódicos, el radio, el cine, la televisión y, hoy día, la internet. La producción de la obra indica, por lo tanto, la posición que la Iglesia ha establecido y sigue estableciendo frente al cine, no sólo de modo refractario pero, a la vez, utilizándolo pedagógicamente por su potencial formativo de largo alcance.

Palabras-clave: iglesia católica; educación; medios de comunicación.

Introdução

Este artigo aborda, a partir do filme *João Batista de La Salle: padroeiro dos professores*, os caminhos da profissão docente, a presença da Igreja nesse cenário e o método simultâneo, iniciado no século XVII com esta congregação. O filme é uma hagiografia produzida, originalmente, na Espanha, pela Eurofilmes com o título *El señor La Salle* e dirigido por Luiz Cesar Amadori. Foi lançado no Brasil pelas Edições Paulinas, em 2007 e é a versão utilizada como fonte neste artigo. A escolha da obra se justifica pela relação direta com os professores, anunciada em seu título, e por evidenciar limites e possibilidades para pensarmos aspectos importantes relacionados à profissão docente, incluindo as tensões, os conflitos e os atores envolvidos nesse processo na França do século XVII.

Entendida como um tipo de biografia, a hagiografia é uma categoria de gênero literário utilizado para narrar a vida de santos, profetas ou mártires, assim considerados pela Igreja. Segundo Silveira (1995, p. 11, grifo do autor),

Santo ou sagrado significa em grego ‘ágios’. Devido ao acento aspirado da letra a, como o h inicial do alemão, em português se escreve hagios. A vida de um santo é hagiografia, escrito sagrado ou sobre o sagrado ou santo. A Bíblia é por excelência uma história sagrada. Por isso, os autores de seus vários livros não se denominam historiadores, mas hagiógrafos. Assim se chamam também, na Antiguidade cristã e na Idade Média, os que escreveram a Vida de um santo.

Ainda buscando definir o modelo de material sobre o qual nos debruçamos neste texto, apresentamos o significado da palavra hagiografia presente no *Dicionário de Termos Literários*:

Do grego hagiografia, escritos relativos aos santos. Sinônimo de ‘hagiologia’, designa os textos destinados a relatar a vida dos santos. Comum desde a Idade Média nos países católicos ou que receberam influência da Igreja, a hagiografia ostentou caráter literário até o século XVIII, quando passou a incorporar as preocupações científizantes despertadas na ciência historiográfica do tempo. Com o Romantismo, as vidas dos santos inspiraram poetas e dramaturgos [...] (Moisés, 2004, p. 37, grifo do autor).

E, com o avanço das técnicas cinematográficas no final do século XIX, não tardou para que no século

XX, essas biografias fossem produzidas também em filmes. Os cineastas passaram a produzir não apenas biografias, mas textos filmicos que tinham como finalidade relatar aspectos referentes à cultura religiosa de maior hegemonia na época¹. A postura refratária que a Igreja Católica assumiu em relação às novas mídias utilizadas na difusão do conhecimento e da cultura foi, paulatinamente, sendo substituída por uma apropriação das mesmas. Em pouco tempo se percebeu o potencial educativo que elas possuíam e a necessidade de recorrer a meios tão eficientes quanto os seus concorrentes na educação do povo. O livro, a imprensa e o cinema foram largamente empregados pela Igreja tanto em sua produção e difusão, como no controle e censura de obras que julgavam não convenientes para a moral católica, o que ganhava eco nos países de tradição católica².

A relação entre religião, mídia e educação ganhou acento na Modernidade³ e, desde então, as Igrejas vêm investindo em seu potencial formativo de largo alcance. Em um primeiro momento, o livro impresso e a imprensa foram utilizados para educar a sociedade e isso representou, até hoje, a formação e ampliação do público leitor, em diferentes níveis e com objetivos distintos. Buscava-se formar uma elite mais esclarecida nos princípios cristãos – católicos ou protestantes – para que pudesse militar em favor da Igreja e alfabetizar o povo para que tivesse acesso aos textos sagrados e pudesse, a partir daí, desenvolver melhor não apenas sua relação com Deus, mas a auto-regulação necessária ao projeto civilizador. Este último, apesar de ter sido uma iniciativa protestante, impulsionou a Igreja Católica a absorver a proposta e adotar a mesma estratégia, a

¹ Nesse contexto foram produzidas obras que hoje são consideradas marcos dessa relação estabelecida entre o cinema e a Igreja, tais como: *O Milagre de Fátima* (1926, s/d); *Fátima Milagrosa* (1928, de Rino Lupo); *O artírio de Joana Darc* (La passion de Jeanne d'Arc, 1928, de Carl Theodor Dreyer); *Mais Próximo do Céu* (The Green Pastures, 1936, de Marc Connelly e William Keighley); *Fátima, Terra da Fé* (1943, de Jorge Brum do Canto); *A Canção de Bernadette* (The Song of Bernadette, 1943, de Henry King); *São Francisco de Assis* (San Francisco de Asís, 1944, de Alberto Gout); *Senhora de Fátima* (La señora de Fátima, 1951, de Rafael Gil); *Francisco: Arauto de Deus* (Francesco, guillare di Dio, 1950, de Roberto Rossellini); *A Virgem de Fátima* (The Miracle of Our Lady of Fatima, 1952, de John Brahm); *O Manto Sagrado* (The Robe, 1953, de Henry Koster); *Os Dez Mandamentos* (The Ten Commandments, 1956, de Cecil B. DeMille); *Santa Lucia* (1956, de Werner Jacobs); *São Francisco de Assis* (Francis of Assisi, 1961, de Michael Curtiz); *O Santo Relutante* (The Reluctant Saint, 1962, de Edward Dmytryk); *Irmão Sol, Irmã Lua* (Fratello sole, sorella luna, 1972, de Franco Zeffirelli); *Francesco: A História de São Francisco de Assis* (Francesco, 1989, de Liliana Cavani); entre outros.

² Sobre os usos dos meios de comunicação na educação, de modo mais ampliado, mobilizado por diferentes atores do campo educacional, ver os trabalhos de Puntel (2011), Costa (2016), Roquete-Pinto (2003), Lastória e Duci (2014), dentre outros.

³ Sobre esse tema, ver os trabalhos de Karina Bellotti (2004), Melo (1984), Pulga (2006), Puntel (2005), dentre outros.

fim de recuperar o espaço que vinha perdendo no campo religioso para o protestantismo. Sem terem sido deixadas de lado, o advento do cinema, do rádio, da TV e da Internet que veio com o século XX ampliou, em larga medida, as estratégias educacionais, fazendo com que as Igrejas acompanhassem o seu tempo, expandindo seu campo de atuação⁴.

A história da congregação das Filhas de São Paulo, mais conhecida como Paulinas, produtora do filme aqui analisado, é um bom reflexo desse movimento e do investimento da Igreja Católica nos veículos de comunicação para evangelizar o povo em uma escala maior e mais eficaz.

Conforme narrativa da própria instituição, a congregação foi fundada em 15 de junho de 1915 “[...] com a missão de levar a todos a Palavra de Jesus, usando os modernos meios de comunicação” (Irmãs Paulinas, 2018), chegam ao Brasil em 1931, em São Paulo. Buscavam atender ao sonho de Tiago Alberione e Tecla Merlo, seus fundadores, que era de fazer a Igreja ir até as pessoas⁵. Iniciaram as atividades da editora em 1934 publicando uma versão brasileira da revista *Família Cristã*.

Logo começou a editar manuais de catequese, livros de formação cristã e obras pias, na sua maioria traduzidos [...] Mudou de novo, depois de 1978, com a publicação de títulos sobre a reinterpretação da história, emergência da mulher, e ainda medicina popular com o endosso da Igreja (Hallewell, 2005, p. 708).

Segundo Paula (2017), a partir da década de 1990, a editora aderiu à editoração eletrônica da sua revista *Família Cristã* e, em 2002, lançou a versão online. Em 2012, colocou no ar um blog com possibilidades de acessos por *smartphones* e *tablets*, *site*, *Facebook* e *Twitter*. Esses dois investimentos nas novas tecnologias lhe renderam o prêmio Dom Hélder Câmara, oferecidos pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Atualmente, as Paulinas [...] publicam e difundem livros, revistas, cds, dvds, mantém uma rede de livrarias, oferecem formação na área da comunicação e da bíblia, promovem cursos no âmbito religioso e humano, prestam serviços à população carente” (Pontim, & Oliveira, 2015, p. 10).

⁴ Entendemos como mídia [...] um conjunto de meios de comunicação audiovisuais (televisão, rádio, serviços telefônicos de aconselhamento, música), impressos (livros, revistas, devocionais, jornais, folhetos), e virtuais (Internet). Também contemplamos a cultura material de massa (camisetas, adesivos, cadernos, agendas, bibelôs, etc), porque ela vem se destacando nos últimos anos como estratégias de comunicação audiovisual e impressa” (Bellotti, 2004, p. 99).

⁵ “Tiago Alberione fundou a Sociedade São Paulo conhecidos como Irmãos Paulinas em 1914 e, depois, com a colaboração de irmã Tecla Merlo, funda a Pia Sociedade Filhas de São Paulo, chamadas de Irmãs Paulinas em 1915 na Itália, com suas raízes em Alba e com a missão de levar o evangelho ao mundo, através dos meios de comunicação” (Paula, 2017, p. 11).

Nesse quadro mais ampliado, a produção de um filme com uma intencionalidade claramente religiosa e laudatória, portanto, não deve ser um impedimento para se considerá-lo como fonte histórica. Antes de tudo, ele é um produto histórico e deve ser compreendido como tal, ser interrogado considerando o contexto, os sujeitos envolvidos e os objetivos que orientaram o processo de produção, de guarda ou difusão de um material que, necessariamente, não foi pensando como uma fonte de pesquisa, embora o tratamento dado a ele pelo historiador o tenha alcançado a esse lugar. A leitura de uma fonte, esteja ela em qualquer suporte, passa por desconstruí-la e deixar aparecer o que está além do aparente, lançando luz sobre as sutilezas de seu conteúdo, pondo em evidência elementos que só ganham sentido no confronto com outras fontes.

Nesse sentido, pensamos no filme como documento, tal como nos sugere pensar Le Goff (1996, p. 540): “[...] em sentido mais amplo, documento escrito, ilustrado, transmitido pelo som, a imagem ou de qualquer outra maneira”. No caso da obra aqui abordada, é também entendida como documento-monumento, como uma estratégia de produção de memória. Para tanto, novamente, seguimos a inspiração de Le Goff para pensar na crítica ao documento:

O documento é monumento. Resulta do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro – voluntária ou involuntariamente – determinada imagem de si próprias. No limite, não existe um documento verdade. [...] É preciso começar por demonstrar, demolir esta montagem (a do monumento), desestruturar esta construção e analisar as condições de produção dos documentos-monumentos (Le Goff, 1996, p. 538).

Metodologicamente, buscamos, a partir do uso dessa fonte, apreender os sentidos pedagógicos veiculados pela obra, assim como o contexto de produção que favoreceu a produção de tal discurso e a memória que se buscou construir por meio deste suporte. Nessa busca, confrontamos o filme com a historiografia educacional para tentar compreender questões relacionadas à profissão docente e aos métodos pedagógicos correntes no século XVII, que viriam a balizar a pedagogia posteriormente, alguns presentes em nossas salas de aula até os dias atuais.

Toda biografia é um registro de memória. Embora nem todas sejam laudatórias, elas têm em comum o objetivo de lançar luz sobre um sujeito, um grupo, um projeto ou legado. No caso das hagiografias, há uma intencionalidade claramente definida de ser laudatória, de inspirar, de produzir um exemplo, um modelo a ser seguido. Essa definição, por um lado, encurta uma parte do

trabalho do historiador de desconfiar de suas fontes, por outro, também incorre no risco de apagar ou secundarizar aspectos e vestígios históricos por considerar a produção da santidade como estratégia de produção de uma imagem e de uma memória bem definida. É necessário ao historiador desenvolver uma sensibilidade que lhe permita usar todas as lentes possíveis para ler esse tipo de documento, considerando as múltiplas leituras que ele possibilita.

Na desconstrução do documento, é preciso considerar as hagiografias como ‘lugar de memória’ (Nora, 1993) e como ‘dever de memória’ (Seixas, 2001), mas também devem ser ponderadas as instituições responsáveis por sua produção como empresa, e uma ‘empresa de salvação’ (Bourdieu, 2007). É preciso lembrar, no caso do filme em questão, que a congregação lassalista deixou um legado na área educacional que se estende a quarenta e nove países, dentre eles o Brasil (La Salle, 2018). A produção de uma obra desse tipo representaria não apenas a construção de uma memória, mas também a demarcação de um espaço em um projeto e um negócio institucional no campo da educação. Tais prerrogativas, no entanto, não tornam o filme aqui analisado menos relevante como produto e como fonte histórica.

Com base nesses apontamentos, este texto busca refletir sobre duas questões. A primeira, de ordem mais geral e teórica e, a segunda, mais específica: qual a relevância ou a potencialidade de pensar o filme ou o cinema como fonte para a História da Educação, não apenas para o ensino, mas, também, na pesquisa e como este tema vem aparecendo no campo? Quais as potencialidades e limites que o filme sobre *João Batista de La Salle* permite pensar no que tange à história da profissão docente?

O cinema como fonte para a História da Educação: potencialidades e limites para o ensino e a pesquisa

No bojo de uma Nova História, a ampliação do corpus documental se alastra para todo tipo de vestígio que permita compreender a ação dos homens em seu tempo. Nem mais, nem menos verídica. Como toda fonte, abre possibilidades de leituras e problematizações. É, sem dúvidas, um texto de ficção, mas todo escrito desse gênero traz nuances da vida cotidiana possíveis de serem pensadas. O que vai permitir caracterizá-lo como fonte é a ‘operação historiográfica’ (Certeau, 1982; Mendes, 2011).

Desde os anos de 1920 e 1930, muitos educadores, entusiasmados com as contribuições técnico-didáticas oriundas dos movimentos de renovações pedagógicas, passaram a utilizar e indicar

o uso de filmes e películas como ferramentas didáticas a serem incorporadas nas diferentes disciplinas escolares⁶. O objetivo era tornar o processo de ensino-aprendizagem mais eficaz. A ideia de ‘eficácia pedagógica’, no entanto, possui sentidos diferentes para cada sociedade e época e os filmes vêm sendo utilizados tanto como recursos visuais como instrumentos de reflexão da sociedade ou de um determinado tema/problema.

O uso do cinema na educação na sala de aula ganhou nova conotação: instigar uma reflexão sobre o mundo e seus diferentes retratos. Segundo Nascimento (2008, p. 22),

[...] ensinar a partir do cinema significa, enfim, provocar o olhar do sujeito, estimular seus sentidos com a imagem em movimento; despertar o seu olhar crítico, na perspectiva de que ele possa perceber que aquilo que vê é uma representação de uma dada realidade social.

Ou seja, de entretenimento de consumo, o cinema passou a objeto de leitura do mundo, passível de interpretação e de crítica. Passou a ser utilizado como recurso que estimula o pensamento e a criticidade, um produto da história que, por sua vez, carrega em si muitas outras histórias.

Os professores-pesquisadores voltados para as questões relacionadas ao ensino de História da Educação têm direcionado seu olhar para o cinema como recurso pedagógico, buscando ampliar o debate sobre o seu potencial didático e o seu uso como fonte de pesquisa. Em relação ao ensino de História e ao campo da educação de modo mais estendido, esse movimento avançou de maneira significativa⁷, mas ainda carece de investimentos quando pensamos na disciplina de História da Educação.

De acordo com Souza, Carvalho e Ribeiro (2013, p. 15),

O ensino de história (e por extensão o de História da Educação) deve estar articulado, pois, ao mecanismo midiático, seja ele televisivo, filmico ou informacional, já que não se pode desprezar esses elementos riquíssimos presentes nas gerações contemporâneas, devendo os recursos ligados às

⁶ Ver, por exemplo, as experiências pedagógicas empreendidas por Maria Junqueira Schmidt na Escola de Comércio Amaro Cavalcanti em Orlando (2015, 2017).

⁷ Ver, entre outros, a coleção organizada por Teixeira e Lopes, o que por si já é indicativo de uma forma de trabalhar o cinema em sala de aula, fugindo da tradição dos grandes marcos cronológicos ou dos grandes acontecimentos, com os seguintes títulos temáticos: *A diversidade cultural vai ao cinema* (Teixeira, & Lopes, 2007a); *A escola vai ao cinema* (Teixeira, & Lopes, 2007b); *A mulher vai ao cinema* (Teixeira, & Lopes, 2007c); *A infância vai ao cinema* (Teixeira, Larrosa, & Lopes, 2007); *A juventude vai ao cinema* (Teixeira, Lopes, & Dayrell, 2009); *A família vai ao cinema* (Teixeira, & Lopes, 2012). Ver também *Cinema e Educação*, de Rosália Duarte (2002), *A História vai ao cinema*, de Marisa Soares e Jorge Ferreira (2001); *História e Cinema: educação para as mídias*, de Renato Mocellin (2014), *Como usar o cinema em sala de aula*, de Marcos Napolitano (2003). *O cinema como pedagogia*, de Guacira Lopes Louro (2000).

tecnologias ser utilizados na motivação dos discentes.

Mas, pensando os congressos como uma vitrine e um inventário dos temas que vêm sendo pesquisados em diferentes fases do desenvolvimento de uma pesquisa, buscamos, nas nove edições do Congresso Brasileiro de História da Educação, um mapeamento desse tema no campo, como apresentamos na Figura 1.

Edição do Congresso	Total de trabalhos	Ensino de História	Cinema
I	173	1	0
II	377	2	1
III	380	5	1
IV	317	5	1
V	719	17	3
VI	867	16	0
VII	690	4	4
VIII	823	8	2
IX	842	7	1

Figura 1. Balanço da temática nos Congressos Brasileiros de História da Educação.

Fonte: Organizado por Karina Valim de Araújo⁸ com base nos Anais dos Congressos Brasileiros de História da Educação (2000, 2002, 2004, 2006, 2008, 2011, 2013, 2015, 2017).

O quadro apresentado é indicativo de que a pesquisa sobre ensino de História, em comparação a outros temas, ainda é incipiente no campo. Mais escasso é o recorte voltado para o uso do recurso cinematográfico nas aulas de História da Educação. Pensar essa escassez em uma sociedade imagética como a que vivemos indica uma lacuna que precisa ser suprida. No entanto, não é tarefa simples levar o cinema para a sala de aula. O uso de filmes como recurso pedagógico requer uma compreensão mais elaborada e complexa para que o professor não incorra no risco de usá-lo apenas a título de ilustração, prática esta recorrente. Conforme salientam Souza e Ribeiro (2012, p. 72),

[...] é importante inferir que a utilização do cinema como recurso pedagógico nas aulas de História da Educação tem apontado para o uso da imagem como ilustração e até reprodução da realidade, quando deveria ser entendida como mais uma representação de determinado contexto, a partir da produção de uma linguagem.

As potencialidades de uso desse recurso, no entanto, devem pressupor comprehendê-lo em seu suporte material e em suas condições objetivas de produção. Como produto histórico, remete a uma leitura que vai além da experiência estética e do entretenimento.

Em que pesem as diferentes iniciativas de pesquisadores em relação a trazer o recurso

cinematográfico para os debates, do conjunto de trabalhos publicados, destacamos duas coletâneas produzidas por historiadores da educação: *Cinema e Ensino de História da Educação* (2013) e *Distopias e Educação: entre ficção e ciência* (2015).

A primeira obra, organizada por Sauloéber Souza, Carlos Henrique de Carvalho e Betânia de Oliveira Ribeiro, consiste em um esforço coletivo para a produção de material que sirva como auxílio aos professores da disciplina de História da Educação. O livro traz dezesseis artigos voltados para análise de filmes a partir de três eixos temáticos – *Infância, gênero e Etnia no Cinema: perspectivas histórico-educativas; Práticas Educativas e Culturas Escolares Presentes nos Filmes; A Profissão Docente e o Cinema* – articulados com relatos de experiências desenvolvidas em salas de aula nas disciplinas de História da Educação e contribui não apenas como o debate, mas com a sinalização de caminhos e possibilidades de uso em uma perspectiva pedagógica. Como afirmam os organizadores,

A partir de determinada película exploram-se as possibilidades da linguagem como instrumento auxiliar de formação histórica, com a finalidade de integrar, orientar e estimular a capacidade de análise dos estudantes, observando-se as produções filmicas como testemunho da época na qual foram produzidas e, também, como representações do passado, afastando-se da ideia comumente reproduzida de ilustração de determinada época (Souza et al., 2013, p. 16).

A segunda obra, organizada por Daniel Lemos (2015), reúne oito textos produzidos por professores e pesquisadores da Educação e da História, o que reforça o caráter de articulação entre esses dois domínios científicos sobre obras clássicas da literatura distópica que já foram transformadas em filme. O conjunto de textos contribui para pensarmos questões de nosso tempo de forma instigante e provocativa. Sendo o discurso predominante da literatura distópica sobre a violência – seja ela física ou simbólica –, alguns elementos ganham ênfase muito natural nesse tipo de texto, como o controle autoritário do Estado, a sociedade estratificada, a escassez de modo geral, a forte presença da tecnologia, a super vigilância do indivíduo e, com ela, o cerceamento das liberdades, dentre outros aspectos que, em geral, estão relacionados à ordem social e sempre perpassam a relação entre Estado e sociedade.

Ao adotarmos a literatura distópica nas aulas de História da Educação, devemos pressupor que, antes de mais nada, estamos trabalhando com um gênero literário específico, o qual tem por premissa suscitar reflexões sobre os possíveis rumos adversos que a

⁸ Agradeço profundamente à Karina Valim de Araújo, minha orientanda e bolsista do Mestrado da PUCPR, pelo balanço realizado e sistematizado no quadro apresentado para este artigo.

sociedade pode tomar no futuro, tendo como base questões próprias do tempo de produção dessas obras. Por outro lado, a tradução dessas obras para o cinema de massa mais do que provocar reflexões, não poderia ser lida como uma forma de banalização e naturalização de muitos elementos que, característicos de um futuro ficcional, se fazem presentes na sociedade contemporânea? Todavia, pela própria natureza ficcional do gênero que alude a um tempo futuro, o trabalho com esse tipo de obra em sala de aula em uma disciplina de História da Educação é um desafio ainda maior.

As potencialidades e limites para o uso do cinema na disciplina de História da Educação ganham maior ou menor sentido quando, apesar de ser utilizado como recurso pedagógico, o tratamento dado aos filmes é o mesmo em relação a qualquer outra fonte histórica. Desse modo, não apenas o conteúdo veiculado e o cuidado com a fonte estão em questão para o professor que adota esse recurso, mas a própria formação do estudante pela competência desenvolvida de realizar uma leitura que vai além da imagem.

De olho na tela e o diálogo entre a filmografia e a historiografia educacional

Do ponto de vista didático, o filme em questão chama a atenção para a multiplicidade de práticas e contextos ainda a serem descobertos e compreendidos em relação à História da Educação, considerando as interfaces dos processos históricos. As lentes teóricas utilizadas nessa análise passam por conceitos que vêm subsidiando os debates no campo da História da Educação, de modo privilegiado na História Cultural como ‘práticas e representações’ (Chartier, 2002) e ‘profissão docente’ (Nóvoa, 1991). O filme São João Batista de La Salle permite inúmeras leituras, tanto na perspectiva biográfica, quanto em relação à própria História da Igreja e da Educação no século XVII, na França. Optamos por um recorte temático que articula duas questões: a profissão docente (incluindo seu percurso de formação) e o método simultâneo que aparece com muita clareza no filme como principal ponto de disputas com os letreados franceses.

Antes, contudo, vale fazer uma breve exposição da obra, ressaltando alguns pontos de sua produção a serem considerados. *São João Batista de La Salle: Padroeiro dos professores* é uma película originalmente espanhola, *El señor La Salle*, produzida pela Eurofilms, em 1964, com duração de 85 minutos. Lançada no Brasil pelas Edições Paulinas, em 2007, seu roteiro original foi inspirado no livro do Irmão americano Leo Burkards, *Master of Mischief Makers: Saint John*

Baptist De La Salle (1952), o qual teve a colaboração de Lucas Y Gallardo e Diego Fabri. Contou, ainda, com a direção de Luiz Cesar Amadori (2007), reconhecido diretor de cinema argentino que emigrou para a Espanha (1955) devido ao golpe de estado contra Juan Perón. Nesse período, tornou-se uma das figuras mais expressivas do cinema espanhol de corte histórico. Curiosamente, Amadori foi aluno do Colégio La Salle, em Buenos Aires. A presença da congregação na produção da obra é vista não apenas na inspiração do roteiro, mas também na organização dos Extras, ao encargo do Irmão Paulo Petry, Fsc e Irmão Nery Fsc, os quais cederam materiais para pesquisa sobre a vida e obras de La Salle, seleção de seus pensamentos, galeria de imagens, clipe musical e informações sobre o filme. A música é de Gregorio Maria Segura e, apesar da película ser originalmente espanhola, nessa versão o áudio é em Português ou Italiano.

O filme apresenta algumas marcas de um empreendimento ambicioso no âmbito da indústria cinematográfica, a começar da contratação de Mel Ferrer, uma estrela de Hollywood, como protagonista, além de toda uma pléiade de atores reconhecidos no cinema espanhol. A direção de um cineasta famoso também é outro dado revelador da qualidade da obra que se pretendia produzir, fosse esta uma obra encomendada pela Igreja ou pelo Estado⁹.

Pode-se dizer que os irmãos souberam aproveitar o momento ideal para esse investimento. O filme se enquadra em um conjunto de produções estimuladas pelo seu valor educacional e doutrinário. Desde os primeiros anos do Pós-Guerra (1939-1945), na Espanha, ao lado do cinema histórico, o regime do general Franco (1939-1976) apoiou a realização de filmes com conteúdo religioso como método educativo e moralista com fins doutrinários, os quais atendiam bem a conformação da ditadura franquista. Essa corrente teve sua época áurea durante os anos de 1950, alargando a produção até meados da década de 1960. Dentro desse movimento, se inscreveram algumas outras obras mestras do cinema como *Marcelino Pão e Vinho* (1955), obra bastante difundida no Brasil. É nesse contexto e dentro desse gênero que foi produzido o filme *El señor de la Salle*¹⁰.

Portanto, é preciso pensar que esta é uma fonte que se constitui como um monumento tanto para a

⁹ Não foi possível identificar quem encomendou a obra à Eurofilms. Todavia, a presença dos Irmãos foi constante e estreita no processo de sua produção, desde a disponibilização dos materiais à organização dos ‘Extras’, na própria película.

¹⁰ Todas as informações técnicas sobre o filme foram extraídas do filme *El Señor La Salle* (Películas Religiosas, 2016), do DVD lançado no Brasil *São João Batista de La Salle, Padroeiro dos professores* e de uma compilação de informações disponíveis sobre a obra em Estébanez (2008) e Villalabeitia (2015).

Igreja quanto para o Estado. Obteve apoio e endosso da congregação, foi dirigida por um ex-aluno do colégio e contou com o apoio do Estado, haja visto o contexto político em que foi produzido. Não obstante, tal projeto traz em si traços de história que devem ser lidos para além desses elementos.

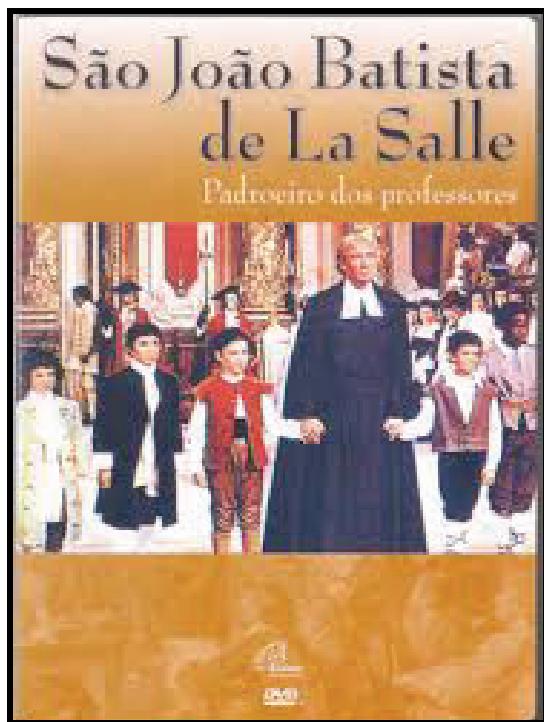


Figura 2. Capa do DVD publicado pelas Edições Paulinas.
Fonte: Acervo da autora.

São João Batista de La Salle nasceu em Reims (França), no ano de 1651. Oriundo de uma família nobre, estudou na Sorbone (Paris), ordenou-se sacerdote em 1678 e fundou o Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs em 1684. Faleceu em 7 de abril de 1719, em Rouen. Foi canonizado em 1900 pelo papa Leão XIII.

O filme apresenta um tom claramente laudatório e se esforça, do início ao fim, para produzir uma representação de desapego material, amor ao próximo, cuidado incansável com os pobres, coragem, persistência e resiliência em nome de um altruísmo pedagógico que, no conjunto, compõem as qualidades de sua santidade. O valor moral da obra é compreensível dada às condições objetivas de sua produção. Todavia, ao colocar em evidência o seu inconformismo com o conceito de ensino exclusivo para a nobreza e o modo como revolucionou a educação popular de crianças e jovens, o filme põe em destaque o que consiste no núcleo central da obra de La Salle: um projeto de educação popular calcado em uma pedagogia inovadora à época, que desencadeou uma forte

querela com os professores do Estado apegados ao tradicional método de ensino francês. O objeto da contenda tratava daquilo que viria a ficar conhecido, no campo educacional, como ‘método individual x simultâneo’, ambos largamente utilizados no Brasil e com permanências até os dias atuais.

Apesar de o filme mostrar um La Salle que não se curvou aos magistrados franceses, tendo lutado bravamente, resistindo até quase sucumbir, sem dinheiro e abandonado pelos seus professores, uma leitura mais problematizadora destacaria desse episódio as lutas que se travaram em torno do campo educacional francês entre a Igreja e o Estado, em um momento em que este último ainda não havia assumido oficialmente a responsabilidade pela educação e as lutas internas no interior de uma congregação¹¹. As tensões, os conflitos e as rupturas permearam os projetos educacionais, salvaguardando modelos pedagógicos alinhados com visões de mundo nem sempre consensuais e é importante considerar que essas lutas foram travadas dentro e fora do campo religioso.

Ao cunhar a representação de uma Igreja que trabalha em favor dos pobres, o filme o faz na pessoa do La Salle. Compadecido por uma situação de extrema pobreza à qual é exposto, ele é iluminado pela ideia de trabalhar em benefício dos pobres como uma causa a qual dedicaria sua vida. A representação altruísta, no entanto, revela vestígios de um projeto de educação popular implementado na França, no século XVII, tal como abordam tanto o filme quanto a historiografia educacional¹². O projeto, no entanto, demandava colaboração: eram necessários professores. Mas, quem seriam os professores? O filme mostra a dificuldade de se encontrar professores, especialmente para trabalhar com os pobres. Não havia quem estivesse interessado. De acordo com o filme, foram recrutados homens desocupados com a promessa de que receberiam formação e trabalho. Não deveriam ser religiosos, nem professores do Estado, uma vez que La Salle buscava uma forma de ensinar diferente do que tinha presenciado nas escolas que visitara: mais eficaz e com maior comprometimento por parte dos professores.

Para diferenciar o projeto lassalista, o filme enfatiza a fundação da congregação dos Irmãos das Escolas Cristãs, como um divisor de águas que marcou profundamente o campo educacional francês com um código de conduta que incluía voto de castidade, de pobreza e de obediência. Aborda,

¹¹ Consultar sobre este tema: Tagliavini e Piantkoski (2013), Manacorda (1992), Hilsdorf (2006), Cambi (1999).

¹² Ver Tagliavini e Piantkoski (2013), Manacorda (1992), Hilsdorf (2006), Cambi (1999).

ainda, as dificuldades encontradas por La Salle para manter os professores. Seu altruísmo, o qual sedimentava a ideia de magistério por vocação e missão, não encontrou eco em todos os professores que aderiram ao projeto inicialmente, especialmente em relação ao voto de pobreza, retratado como o maior motivo de contenda no interior da congregação. Embora quisessem ser professores, nem todos queriam ser pobres, o que levou à congregação se refazer, algumas vezes, pelo abandono de seus membros. Aos poucos, no entanto, o relevo de seu trabalho parece ter ganhado importância na sociedade que reconhece, segundo o filme, a qualidade do seu ensino e passa a atribuir um selo de distinção aos irmãos, tanto pela eficácia da sua proposta quanto pelo conjunto de hábitos distintivos que os regiam, a começar pelo uso de uma indumentária própria. Os irmãos eram facilmente reconhecidos na rua e sua presença começou a incomodar certos segmentos sociais, especialmente os magistrados franceses.

A formação dos irmãos lassalistas como professores, se em princípio aconteceu de forma laboratorial, pela experiência, não tardou para ganhar outro enfoque. Paralelo ao projeto de educação popular, La Salle fundou a Primeira Escola de Formação de Professores, em 1684, ampliando ainda mais o seu quadro docente, o que era fundamental para sua expansão e, consequentemente, sua afirmação e distinção no campo educacional francês, ponto culminante no filme. Deste modo, podemos pensar entrelaçamentos dos caminhos da profissão e da formação docente no projeto lassalista, indispensáveis aos estudos de História da Educação pela sua contribuição à Escola Moderna. Todavia, esta congregação pouco aparece em nossos manuais da disciplina, tal como afirmam Tagliavini e Piantkoski (2013, p.18), “Pesquisando os principais manuais utilizados, verificou-se que apenas *História da Educação* de Mário Manacorda dá atenção à obra de La Salle. Quanto aos outros, há um silêncio eloquente”.

As preocupações em torno do estatuto da profissão relacionadas à formação, dedicação em tempo integral e o reconhecimento de uma instituição que chancelasse o exercício da profissão como requisitos para pensar o que deveria configurar esse estatuto, são encontrados no projeto lassalista antes mesmo de todo esse dispositivo passar ao encargo do Estado. O que veremos ocorrer depois do século XVIII não seria a gênese da profissão, mas uma mudança no estatuto para a funcionarização da profissão docente, sob a tutela do Estado, tal como bem define Nóvoa (1991). A profissão, no entanto, se configura antes disso e o filme aqui escolhido,

apesar de não estar centrado nessa discussão, contribui para dar visibilidade a essa questão.

Além disso, a disputa pelo controle do campo educacional na França coloca em evidência a existência do método simultâneo de ensino desde o século XVII, o que possibilita ampliar o olhar para a multiplicidade de pedagogias e para a convivência desses modelos em uma mesma temporalidade, mas também permite perceber como a pedagogia lassalista é pouco estudada em nossa historiografia. Tradicionalmente, quando nos referimos aos métodos de ensino no Brasil, fazemos menção ao ensino individual, ao mútuo e, só então, ao simultâneo, seguido pelo intuitivo e, daí, aos seus desdobramentos que configuram suas permanências em nossas escolas até hoje. Todavia, apesar de o ensino simultâneo surgir de forma tardia, ele é anterior ao ensino mútuo, instituído como modelo apenas no século XVIII, na França, a partir da expulsão dos lassalistas por ocasião da Revolução Francesa.

Uma outra questão que aparece passível de ser problematizada, ainda relacionada ao método de ensino, é a modernidade pedagógica apreendida no âmbito do catolicismo que torna muito complexa a classificação que delimita como tradicional a pedagogia católica, assim como instiga a pensar nessa classificação no singular. É necessário problematizar o que vem a ser uma pedagogia tradicional tanto quanto a ideia de ‘uma’ pedagogia católica. Não seria possível pensar em várias pedagogias católicas? O projeto lassalista nos dá pistas de apenas uma delas.

Em larga medida, o filme aqui discutido permite pensar os caminhos no processo de formação e profissionalização docente. Proporciona uma reflexão acerca das questões relacionadas ao estatuto da profissão e sua associação com a funcionarização docente, o papel das congregações religiosas nesse processo, a convivência de modelos pedagógicos, as tensões e disputas em torno do controle do campo educacional, as relações de força estabelecidas e as diferentes visões de mundo envolvidas nessas disputas. Para além de um filme biográfico, produzido como lugar de memória e com forte apelo doutrinário e moral, a biografia de São João Batista de La Salle se revela uma fonte interessante para discutir representações e práticas construídas ao longo da História da Educação francesa, permitindo ainda pensar seus rebatimentos na sociedade brasileira.

O filme em suas aproximações e distanciamentos em relação à historiografia educacional

Ao pensar a obra em correlação com a historiografia educacional, alguns pontos de

aproximação e distanciamentos emergem no horizonte e são trazidos para este texto, no sentido de que este pode e deve ser um movimento para se trabalhar o filme em sala de aula. Identificar as lacunas, os distanciamentos e aproximações nas diferentes narrativas e buscar compreender seus múltiplos sentidos é uma forma de desconstruir e reconstruir a fonte histórica e ler além do que está aparente.

Nesse sentido, confrontado com a historiografia, o filme apresenta algumas lacunas significativas a serem consideradas. Neste registro, o núcleo central do projeto de La Salle é a educação popular e isso é abordado como um projeto sem precedentes e, portanto, revolucionário. Duas questões não ficam claras. A primeira é em relação ao pioneirismo de sua proposta. De acordo com Cambi (1999, p. 298-299),

[...] no terreno da educação do povo, as iniciativas de maior relevo são as de Jean Baptiste de La Salle, que como outros sacerdotes franceses da época, promove a fundação de escolas populares, organizadas segundo uma rígida disciplina, e de August Hermann Francke, que se dedica à difusão da instrução do povo alinhado com as indicações da orientação piedosa, uma perspectiva religiosa de inspiração protestante que se propõe uma restauração do autêntico espírito da Reforma.

A segunda questão que a película não acentua, talvez em função de produzir essa preocupação com os pobres como uma marca nuclear do seu protagonista, é que seu projeto educativo é, fundamentalmente, religioso. Segundo Cambi, La Salle

[...] dedica-se a uma formação integral do homem, através da união entre instrução e educação religiosa. O ensino, para ser dado a todos, deve ser obrigatório e gratuito e conduzido por docentes atentamente preparados. O seu intento é ‘instruir no catecismo e nas orações todos os rapazes’, particularmente aqueles que ‘abraçaram a suposta religião reformada’. Para atingir esse objetivo, La Salle funda uma escola normal para a formação de mestres, o ‘Seminário dos Mestres de Escola’, com uma escola elementar anexa, e a Ordem dos Irmãos das Escolas Cristãs, que acolhe religiosos desejosos de dedicar-se ao ensino. Em dois escritos (*Regras da decência e da urbanidade cristã e Conduta das escolas cristãs*), ele expõe seu ‘credo’ pedagógico, uma minuciosa organização das escolas e o programa didático que prevê leitura e escrita da língua materna, as quatro operações e o catecismo, acompanhando uma formação técnico-científica de caráter profissional [...] O aspecto central do seu projeto educativo é, todavia, a instrução religiosa, desenvolvida na direção mística e ascética, por meio do ensino catequético e de

expedientes de vários tipos. No início de cada lição (e também a cada hora ou meia hora) lembra-se ao aluno a ‘presença de Deus’ a fim de reforçar o conceito na sua mente e consciência, ou então são recitadas orações ininterruptamente segundo turnos estabelecidos (Cambi, 1999, p. 299, grifos do autor).

No entanto, Hilsdorf (2006) destaca alguns pontos, além da formação religiosa, que são distintivos na educação lassalista. Em primeiro lugar, está a questão da escrita. E, nesse aspecto, a relação de força instituída com os mestres escrivães, tal como retratada no filme, se aproxima da historiografia. A cena em que os mestres escrivães queimam a escola durante a noite e destroem todo o material que há dentro dela como uma declaração de guerra a La Salle e seu projeto¹³, não só encontra eco, como é explicada por Hilsdorf (2006, p. 180, grifos do autor):

A escola lassalista prescrevia a escrita a todos os alunos da escola e, por extensão, formava o copista-escrivão. Este trabalhador era essencial para a vida urbana, mas poucos estudantes tinham acesso à escrita nas pequenas escolas francesas de alfabetização: não só os mestres-escrivães continuavam a ensinar sua arte mediante as regras das corporações de calígrafos a que pertenciam, concretizadas num longo e oneroso aprendizado, como eles interferiam na prática dos próprios professores das escolas elementares, restringindo, por exemplo, os tipos de letras que eles podiam ensinar. Com a prática escolar lassalista – gratuita – das várias modalidades de escrita abria-se de novo a profissão de escrivão, permitindo que as crianças redigissem e grafassem registros comerciais, textos administrativos, procurações, petições e cartas. Por isso, Manacorda afirma que, sob o título de ortografia, escondia-se o fato mais moderno dessa escola: a escrita comercial. Não admira que as corporações dos calígrafos e escribas se rebelassem contra os Irmãos, armando conflitos nas localidades onde eles atuavam e invadindo e destruindo suas escolas e oficinas! Lembra Nunes que, quando os irmãos abriram duas escolas em Paris, os mestres calígrafos passaram ‘às vias de fato, fazendo esvaziar as salas das escolas gratuitas, despojando-as dos móveis e conseguindo do Escolástico da Catedral de Paris a supressão das mesmas, por constituiram atentado aos seus privilégios’.

Outros dois pontos distintivos na formação lassalista eram o ensino não apenas do cálculo, mas

¹³ A cena destaca o desespero dos Irmãos diante da perda, a dúvida diante da possibilidade da continuidade do projeto e a resposta tranquila do Monsenhor, mas com a clareza de que estava em uma guerra, assim apresentada: Ao chegar da manhã na escola e encontrarem-na completamente destruída, os Irmãos mandam chamar La Salle, o qual diante das incertezas dos mesmos sobre a (im)possibilidade de fazer tudo de novo, considerando as dificuldades que vinham encontrando até aquele momento, La Salle, serenamente, como um visionário, anuncia como resposta aos mestres escrivães seu primeiro projeto de expansão. Ele orienta cada Irmão a abrir uma escola em um ponto da França, ampliando, assim, o seu projeto para todo o território francês.

da leitura e escrita dos números, e da civilidade cristã. Este último ponto é particularmente importante porque alcançava todas as crianças, independente de sua condição social. As normas de conduta aí aprendidas refletiam o quadro mental do século XVII. Sua proposta era pautada em

[...] um ensino metódico, regrado, ascético, disciplinado, e ordenado, segundo os termos da mentalidade burguesa e católica. Ser aluno dos lassalistas implicava adquirir atitudes de obediência, pontualidade, silêncio e autodomínio que mostrassem, ao mesmo tempo, distinção de maneiras e espírito cristão. Essas marcas eram formadas por meio de práticas que mantinham a disciplina e obrigavam ao cumprimento das tarefas, como: uso de sinais silenciosos (fichas, pedras, cartões, bastões, contas, o gesto de levantar a mão) que permitiam a comunicação e o desencadear de ações pelas classes; admoestações verbais; penitências; castigos físicos, pelo emprego da férula (tiras de couro), da palmatória e do *fouet* (um açoite de 5 tiras de couro com três nós); censura dos livros; e controle do corpo e da sexualidade (não se banhar muito frequentemente, não ir ao sanitário acompanhado, trazer os olhos abaixados, andar aos pares, em filas, manter a distância das mulheres, pois havia ensino lassalista para meninas, ainda que sem co-educação nas classes)¹⁴ (Hilsdorf, 2006, p. 180).

Por fim, apoiados ainda no diálogo com Hilsdorf, podemos dizer que, apesar do seu protagonismo, La Salle não inventou os livros de civilidade nem tampouco o método simultâneo. Revel (1991) afirma que já circulavam livros de civilidade antes dos lassalistas, com códigos de conduta que abrangiam os rudimentos da fé, da moral cristã, o alfabeto, as regras da ortografia e do cálculo. O que diferencia, então, a pedagogia de La Salle da que a antecede em relação à civilidade? Segundo Revel, seu diferencial está na operação que realizaram em dois sentidos: torná-la um exercício escolar que serviria para concretizar o ensino simultâneo nas escolas e aplicá-las às crianças pobres, futuros profissionais do trabalho, instituindo-as como instrumento de disciplinarização autoritária e sistemática dos corpos e das mentes infantis, em um sentido muito diferente dos praticados nos meios burgueses. Essa perspectiva da educação lassalista, no entanto, pouco aparece no filme. A disciplina é abordada, mas sem ser caracterizada como um fardo e, sim, como uma estratégia para manter a ordem e, com isso, aumentar a eficácia do processo de ensino-aprendizagem.

Tal atmosfera de seriedade, rigor e disciplina, “[...] alheia ao riso e ao jogo [...]”, tal como se refere Cambi (1999, p. 299) e como podemos inferir das análises de Hilsdorf (2006) e Revel (1991), é rigorosamente contrastante com a imagem que o filme traz de um La Salle que, na hora da morte, pede para abrir as janelas para ouvir o barulho das crianças brincando soltas e livremente no pátio. Ao ser lido à luz da historiografia, o registro de memória aí produzido nesse documento-monumento, que é o filme, fica evidente na produção de um personagem que será difundido e projetado nas telas do cinema. Não obstante, a leitura dessa fonte permite apreender e trabalhar elementos que nem sempre são discutidos com profundidade evidentes nas disciplinas de História da Educação, além de possibilitar um exercício pouco trabalhado do olhar.

Considerações finais

Os entrelaçamentos entre História da Educação e História da Profissão Docente, a partir de uma biografia, ou de uma hagiografia como a escolhida neste artigo, demonstram, mais uma vez, a fertilidade do uso do cinema como fonte histórica. Apesar do sucesso que alcançou na época de seu lançamento, o filme é pouco conhecido e raramente trabalhado nas disciplinas de História da Educação no Brasil.

As biografias sobre professores permitem observar, em larga medida, um conjunto de práticas e representações do magistério, conflitos e tensões inerentes ao exercício da profissão. Mas as biografias também contribuem para dar visibilidade a personagens muitas vezes relegados ao esquecimento, recolocando-os em seu lugar na História e, neste caso especificamente, na História da Educação. De fato, não podemos dizer que a congregação lassalista caiu no esquecimento, haja a vista a rede de colégios confessionais que possui até os dias atuais. Todavia, o lugar de João Batista de La Salle e a presença da Igreja nos caminhos da profissionalização docente na História da Educação são poucos difundidos, mesmo nos estudos sobre História da Profissão Docente, os quais privilegiam o estatuto que a profissão adquire a partir do momento em que o Estado assume o seu controle, fazendo valer a profissão pela funcionalização.

Considerar a produção de uma obra em forma de filme – tanto para o ensino quanto para a pesquisa em História da Educação – remete pensar numa estratégia de produção de um ‘lugar’ a partir de um ‘dever’ de memória, de difusão de uma história e de demarcação de um lugar no campo da educação e da História da Educação, ao

¹⁴ A autora faz remissão a fontes iconográficas em relação a alguns dos itens elencados que, por uma questão de limite do artigo, não foram trazidas aqui, mas que podem servir como mais uma possibilidade para o cotejamento de fontes na sala de aula.

lançar uma possível fonte de pesquisa para o historiador interessado em temáticas relacionadas não apenas às biografias, mas à profissão docente, à educação católica, aos métodos de ensino e à produção e circulação de modelos pedagógicos, especialmente.

Como já afirmaram Lopes e Galvão (2010), a História da Educação se constitui como um ‘território plural’ de múltiplos atores e suas práticas, no qual essa pluralidade vem sendo dada a conhecer na própria pesquisa deste campo em relação aos objetos de estudo, aos aportes teórico-metodológicos e às fontes utilizadas.

Referências

- Amadori, L. C. (Dir.), (2007). *São João Batista de La Salle, padroeiro dos professores* [DVD]. São Paulo, SP: Paulinas Multimídia.
- Anais do 1º Congresso Brasileiro de História da Educação.* (2000). Rio de Janeiro, RJ.
- Anais do 2º Congresso Brasileiro de História da Educação.* (2002). Natal, RN.
- Anais do 3º Congresso Brasileiro de História da Educação.* (2004). Curitiba, PR.
- Anais do 4º Congresso Brasileiro de História da Educação.* (2006). Goiânia, GO.
- Anais do 5º Congresso Brasileiro de História da Educação.* (2008). Aracaju, SE.
- Anais do 6º Congresso Brasileiro de História da Educação.* (2011). Vitória, ES.
- Anais do 7º Congresso Brasileiro de História da Educação.* (2013). Cuiabá, MT.
- Anais do 8º Congresso Brasileiro de História da Educação.* (2015). Maringá, PR.
- Anais do 9º Congresso Brasileiro de História da Educação.* (2017). João Pessoa, PB.
- Bellotti, K. K. (2004). Mídia, religião e História Cultural. *REVER - Revista de Estudos de Religião*, 4(4), 96-115. Recuperado de www.pucsp.br/rever/rv4_2004/p_bellotti.pdf
- Bourdieu, P. (2007). Gênese e estrutura do campo religioso. In S. Micelli (Org.), *Economia das trocas simbólicas* (p. 27-78), São Paulo, SP: Perspectiva.
- Cambi, F. (1999). *História da pedagogia*. São Paulo, SP: Unesp.
- Certeau, M. (1982). A operação historiográfica. In M. Certeau. *A escrita da história* (p. 65-119). Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária.
- Chartier, R. (2002). *A História cultural: entre práticas e representações* (2a ed., M. M. Galhardo, Trad.). Lisboa, PT: Difel.
- Costa, P. C. (2016). *Educadores no rádio: programas para ouvir e aprender (1935-1950)*. Rio de Janeiro, RJ: PUC-Rio; Mauad.
- Duarte, R. (2002). *Cinema e educação*. Belo Horizonte, MG: Autêntica.
- Estébanez, J. L. S. (2008). *El Señor La Salle*. Recuperado de <https://cerebrin.wordpress.com/2008/10/08/el-señor-de-la-salle/>
- Hallewell, L. (2005). *O livro no Brasil: sua história* (2a ed.). São Paulo, SP: Edusp.
- Hilsdorf, M. L. S. (2006). *O aparecimento da escola moderna - uma história ilustrada*. Belo Horizonte, MG: Autêntica.
- Irmãs Paulinas. (20018). *Quem somos*. Recuperado de <http://www.irmaspaulinas.org.br/quem-somos/>
- La Salle. (2018). *La Salle no mundo*. Recuperado de <http://lasalle.edu.br/sobre-a-instituicao/la-salle-no-mundo>
- Lastória, L. A. C. N., & Duci, J. R. (2014). Educação, política e meios de comunicação no Brasil: da era do rádio à Internet. *Constelaciones- Revista de Teoria Crítica*, 6, 179-195. Recuperado de constelaciones-rtc.net/article/view/865/
- Le Goff, J. (1996). *História e memória*. Campinas, SP: Unicamp.
- Lemos, D. C. A. (2015). *Distopias e educação: entre ficção e ciência*. Juiz de Fora, MG: UFJF.
- Lopes, E. M. T.; Galvão, A. M. O. (2010). *Território plural: a pesquisa em história da educação*. São Paulo, SP: Ática.
- Louro, G. L. (2000). O cinema como pedagogia. In E. M. T. Lopes, C. G. Veiga, & L. M. Faria Filho (Org.), *500 anos de Educação no Brasil* (p. 371-398.). Belo Horizonte, MG: Autêntica.
- Manacorda, M. A. (1992). *História da educação: da antiguidade aos nossos dias* (3a ed., G. Lo Monaco, Trad.). São Paulo, SP: Cortez; Autores Associados.
- Melo, J. M. (1984). *Igreja, empresa e comunicação*. Belém, PA: Imes.
- Mendes, C. M. M. (2011). A importância da pesquisa de fontes para os estudos históricos. *Acta Scientiarum. Education*, 33(2), 205-209. Doi: 10.4025/actascieduc.v33i2.14174
- Mocellin, R. (2014). *História e cinema: educação para as mídias*. São Paulo, SP: Editora do Brasil.
- Moisés, M. (2004). *Dicionário de termos literários*. São Paulo, SP: Cultriz.
- Napolitano, M. (2003). *Como usar o cinema em sala de aula*. São Paulo, SP: Contexto.
- Nascimento, J. C. (2008). Cinema e ensino de História: realidade escolar, propostas e práticas na sala de aula. *Fénix - Revista de História e Estudos Culturais*, 5(2), 1-23. Recuperado de http://www.revistafenix.pro.br/PDF15/Artigo_05_%20ABRIL-MAIO-JUNHO_2008_Jairo_Carvalho_do_Nascimento.pdf
- Nora, P. (1993). Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Revista Projeto História*, 10, 7-28. Recuperado de <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101>
- Nóvoa, A. (1991). Para o estudo sócio-histórico da gênese e desenvolvimento da profissão docente. *Teoria e Educação*, 4, 109-139.
- Orlando, E. A. (2015). Uma porta aberta para o mundo: as viagens pedagógicas de Maria Junqueira Schmidt

- como experiência de formação e distinção no cenário educacional brasileiro, In A. L. Silva, E. A. Orlando, & M. J. Dantas (Org.), *Mulheres em trânsito: intercâmbios, formação docente, circulação de saberes e práticas pedagógicas* (p. 209-226). Curitiba, PR: CRV.
- Orlando, E. A. (2017). 'A Bandeira e a cruz': caminhos da trajetória intelectual da educadora Maria Junqueira Schmidt. *Educar em Revista*, 33(65), 103-118. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/er/n65/0104-4060-er-65-00103.pdf>
- Paula, K. A. (2017). *Revista família cristã e o diálogo com o leitor: uma análise da seção carta do mês (1960 a 1970)* (Mestrado em Educação). Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba.
- Películas religiosas (2016). *El Señor La Salle [Arquivo de vídeo]*. Recuperado de <https://www.youtube.com/watch?v=01gKZZUPf6A>
- Pontim, I., & Oliveira, M. G. (2015). Uma grande luz, na passagem do século. *O Cooperador Paulino*, 78(109), 10-11.
- Pulga, C. M. (2006). *Interface - igreja e mídia: uma experiência de comunicação religiosa na web* (Dissertação de Mestrado), Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Puntel, J. T. (2005). *Cultura midiática e Igreja: uma nova ambigüidade*. São Paulo, SP: Paulinas.
- Puntel, J. T. (2011). A Igreja a caminho da comunicação. *Teocomunicação*, 41(2), 221-242. Recuperado de <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/teo/article/view/9755>
- Revel, J. (1991). Os usos da civilidade. In P. Áries, & G. Duby (Org.), *História da vida privada – da renascença ao século das luzes* (p. 169-209). São Paulo, SP: Companhia das Letras.
- Roquette-Pinto, V. R. (2003). Roquette-Pinto: rádio e o cinema educativo, *Revista USP*, 56, 10-15. Doi: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i56p10-15>
- Seixas, J. A. (2001). Percursos de memórias em terras de história: problemas atuais. In M. Bresciani, & M. R. Naxara (Org.), *Memória e (Re) Sentimentos: indagações sobre uma questão sensível* (p. 37-58). Campinas, SP: Unicamp.
- Silveira, I. (1995). *Retrato de Santa Clara de Assis na literatura hagiográfica*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Soares, M. C., & Ferreira, J. (2001). *A História vai ao cinema*. Rio de Janeiro, RJ: Record.
- Souza, S. T., Carvalho, C. H., & Ribeiro, B. O. L. (2013). *Cinema e ensino de história da educação*. Campinas, SP: Alínea.
- Souza, S. T., & Ribeiro, B. O. L. (2012). Ensino de história da educação no Brasil: reflexões sobre o perfil de professores e suas metodologias. *História da Educação*, 16(36), 60-76. Doi: <https://doi.org/10.20396/rho.v14i58.8640392>
- Tagliavini, J. V., & Piantkoski, M. A. (2013). João Batista de La Salle (1651-1719): um silêncio eloquente em torno do educador católico que modelou a escola moderna. *Revista HISTEDBR Online*, 13(53), 16-40. Doi: <http://dx.doi.org/10.20396/rho.v13i53.8640191>
- Teixeira, I. A. C., Larrosa, J., & Lopes, J. S. M. (2007). *A infância vai ao cinema*. Belo Horizonte, MG: Autêntica.
- Teixeira, I. A. C., & Lopes, J. S. M. (2007a). *A diversidade cultural vai ao cinema*. Belo Horizonte, MG: Autêntica.
- Teixeira, I. A. C., & Lopes, J. S. M. (2007b). *A escola vai ao cinema*. Belo Horizonte, MG: Autêntica.
- Teixeira, I. A. C., & Lopes, J. S. M. (2007c). *A mulher vai ao cinema*. Belo Horizonte, MG: Autêntica.
- Teixeira, I. A. C., & Lopes, J. S. M. (2012). *A família vai ao cinema*. Belo Horizonte, MG: Autêntica.
- Teixeira, I. A. C., Lopes, J. S. M., & Dayrell, J. (Org.), (2009). *A juventude vai ao cinema*. Belo Horizonte, MG: Autêntica.
- Villalabeitia, J. (2015). *La película 'El Señor de La Salle'*. Recuperado de <http://documentacionlasaliana.blogs.pot.com/2015/01/la-pelicula-el-senor-de-la-salle.html>

Received on March 11, 2018.

Accepted on June 14, 2018.

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.

INFORMAÇÕES SOBRE OS AUTORES

Evelyn de Almeida Orlando: Doutora em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro com bolsa sanduíche na Universidade de Lisboa. Possui Mestrado em Educação e Graduação em Pedagogia pela Universidade Federal de Sergipe. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em História da Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: História da Educação, Educação Brasileira, Impressos pedagógicos, Pedagogia e educação católica, Intelectuais e mediadores culturais, Gênero.
E-mail: evelynorlando@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5795-943X>

NOTA:

Evelyn de Almeida Orlando foi responsável pela concepção, análise e interpretação dos dados; redação e revisão crítica do conteúdo do manuscrito e ainda, aprovação da versão final a ser publicada.